

Crise afasta investidor estrangeiro

ÁLVARO PENACHIONI

SÃO PAULO — O dinheiro é como o barco: não gosta de mar revolto. A imagem dá a exata medida da atual disposição dos investidores estrangeiros em participar de investimentos diretos, em bolsa de valores e de risco, no Brasil. O aprofundamento da crise política que se instalou no País depois de tornadas públicas as denúncias contra o empresário Paulo César Farias, o

PC, está reduzindo o fluxo de captação de recursos externos, numa inversão da tendência que começava a se consolidar com a última reforma ministerial do governo Collor e o avanço das negociações da dívida junto aos credores internacionais.

Com o clima de incerteza alimentado pela crise política, os agentes econômicos têm pela frente um horizonte de previsibilidade indefinida, comentou o diretor executivo da Brasilpar Ser-

viços Financeiros, Antônio Carlos Molina, que ontem participou do seminário "Como Atrair Financiamentos e Capital de Risco Externos para Bancos e Empresas", promovido pela Associação Nacional dos Distribuidores de Valores (Adeval). Para tranquilizar o mercado financeiro, este processo não pode se prolongar, o que aconteceria se fosse pedido o **impeachment** do presidente Collor.

— O melhor seria uma solução rápida ou mesmo a renúncia do

presidente, defendeu o diretor da Brasilpar.

Mais otimista, o diretor da Patrimônio Planejamento Financeiro, Jair Ribeiro da Silva Neto, lembrou que desde agosto do ano passado o país captou cerca de US\$ 2,6 bilhões em Eurobônus, outros US\$ 300 milhões em securitização de recebíveis de exportação e mais US\$ 1,7 bilhão em investimentos diretos nas bolsas de valores, que ele credita a investidores de longo prazo.